

“SE ELE JOGA, EU TAMBÉM JOGO”: AS MULHERES RURAIS E AS CONDIÇÕES DE LAZER*

Cauana Peyrot Conceição

cauanapc@hotmail.com

Maria Simone Vione Schwengber

simone@unijui.edu.br

Caterine de Moura Brachtvogel

cati-mb@hotmail.com

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ)

RESUMO

Este artigo trata da experiência de lazer esportivo de 19 mulheres rurais assentadas. Buscamos compreender quais as condições que possibilitam que mulheres rurais vivenciem o lazer esportivo. A partir de entrevistas analisamos via análise de discurso que as mulheres têm uma prática esportiva de domínio básico do futebol/futsal; a infraestrutura do ginásio esportivo é fundamental para criação do espaço de lazer; elas concebem o lazer como um lugar de paridade das condições de gênero.

PALAVRAS-CHAVE

mulheres rurais; práticas esportivas; lazer

PALAVRAS INICIAIS

Este artigo parte de uma pesquisa mais ampla, que decorreu de um diagnóstico situacional das atividades e práticas de lazer de um grupo de mulheres rurais de um pequeno município da região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul². Esse município foi escolhido por ter apresentado aumento da população rural nas últimas duas décadas, devido à criação de seis assentamentos de Reforma Agrária/MST e dois reassentamentos de atingidos por Barragens/MAB.

* O presente trabalho contou com apoio financeiro da CAPES.

² Conforme dados do IBGE (2010), a população total do município é de 8.331, sendo que a população rural é de 74,9%, e a população urbana é de 25,1%. Foram entrevistadas ao todo 223 mulheres, mas apenas 19 delas afirmaram ter como lazer práticas esportivas.



Nosso interesse foi estudar um grupo de 19 mulheres rurais³, uma vez que, geralmente, práticas corporais e esportivas são pouco nomeadas como lazer, pelas mulheres da zona rural. Schwengber, Pinheiro e González (2018) apontam o quanto o lazer é marcado por questões relacionadas à construção de gênero. Destacamos que as práticas de lazer não são neutras, mas revestidas de valores e significados diferentes entre os gêneros.

Esta pesquisa utiliza o gênero como categoria analítica e histórica, em consonância com Meyer (2006), pensando-o como uma construção social, educativa, cultural e linguística, entrelaçada aos dispositivos que posicionam mulheres e homens, diferenciando-os, distinguindo-os, separando-os. Levamos em consideração que as variáveis de gênero afetam as decisões de adoção de um estilo proativo no lazer.

Pode-se dizer que as mulheres brasileiras, como destacam Schwengber, Pinheiro e González (2018, p. 58), são marcadas por “experiências parcas de lazer” em termos de práticas corporais e esportivas. As mulheres têm mais “tendência e facilidade de abrir mão de seu lazer diante do ato de cuidar do outro” e “deslocam com mais facilidade sua atenção e interesse de experiências de si para as experiências com outros” (SCHWENGBER; PINHEIRO; GONZÁLEZ, 2018, p. 58).

Schwengber, Pinheiro e González (2018) ainda mostram que as mulheres têm menos oportunidades de envolver-se em atividades de lazer e praticam um lazer doméstico, com atividades não estruturadas. Um dos fatores que produzem essas diferenças entre gêneros é que socialmente se espera que as mulheres se comprometam emocionalmente com suas famílias e seus lares, e esse comprometimento geralmente leva-as a dedicarem grande parte do seu tempo a atividades como o trabalho doméstico e o cuidado dos filhos.

Compreendemos o lazer, mais do que um tempo residual do tempo de trabalho, mas como um tempo de liberdade, com potencial para o exercício de escolhas; um tempo que pode efetivamente ser preenchido (ou não) por atividades, manifestações culturais. Conforme aponta Dumazedier (2000, p. 34), o lazer é uma atividade em que o sujeito tem a liberdade de entregar-se, de forma voluntária para “[...] divertir-se, recrear-se e entreter-se”.

A saber das parcas experiências esportivas de lazer pelas mulheres, especialmente para as mulheres rurais, e ao considerarmos o lazer como uma necessidade humana (GOMES; ISAYAMA, 2015), questionamo-nos: quais as condições que possibilitaram que mulheres rurais engendassem em suas vidas o lazer esportivo? Para responder nossa pergunta realizamos 19 entrevistas semi-estruturadas, que foram transcritas, sistematizadas e analisadas pelo método de análise do discurso foucaultiana (2010). Analisamos a linguagem discursiva das entrevistas, tomando-as como depoimentos ou falas, enquanto lugares de uma produção discursiva.

Compreendemos o modo de funcionamento, os princípios de organização e as formas de produção social dos sentidos discursivos (FOUCAULT, 2010) a partir das entrevistas. Numa perspectiva foucaultiana situamos os pressupostos que carregam os discursos, com quais estratégias se relacionam, quais as propostas enunciativas que se colocam a partir dos seus enunciados de falas. Os depoimentos são textos, o que possibilita que se tome a análise do discurso como um quadro de referência conceitualmente organizado, mas metodologicamente aberto.

VAMOS PARA A QUADRA E JOGAMOS SIM!

As mulheres pesquisadas reafirmam sua posição em quadra a partir das práticas esportivas, nomeadas aqui de lazer esportivo. Uma das entrevistadas afirma que o futebol “[...] não é um esporte só de

3 As 19 mulheres têm idade entre 16 e 45 anos, sendo 12 casadas e sete solteiras; a maioria delas trabalha em casa e na agricultura. Quanto ao grau de escolaridade, quatro têm Ensino Fundamental incompleto, cinco concluíram o Ensino Fundamental, duas têm Ensino Médio incompleto, quatro concluíram o Ensino Médio e quatro estão cursando/e ou cursaram o Ensino Superior. No que se refere à religião, 18 são católicas e uma é evangélica. Quanto ao número de filhos, cinco têm três filhos, quatro têm dois filhos, quatro têm um filho e seis ainda não têm filhos.



homem. Aqui é de homem e de mulher [...]”, e ainda destaca que muitas de suas companheiras esportivas são habilidosas e têm garra no jogo, “[...] as mulheres sabem jogar futebol e com qualidade. Vamos para a quadra e jogamos, sim”. Ao observarmos os jogos femininos das mulheres rurais entrevistadas, percebe-se que o rendimento esportivo não é o mais importante. De um lado, as mulheres aperfeiçoam suas habilidades no grupo; de outro, vivenciam os jogos como encontros de brincadeiras e jocosidades (sobre sua performance).

Esses jogos são classificados por elas como pertencentes ao esporte-diversão. Quando questionadas em relação ao futebol como uma prática de lazer, percebemos nos discursos que o futebol e o futsal (em sua simbologia) é tido como uma categoria que proporciona prazer, satisfação, e que, por esse motivo, pode ser considerado como lazer. Podemos analisar essa questão na fala de Andrieli (24 anos) que entende o lazer como um tempo de folga e entretenimento, “[...] ficamos comentando sobre o que acontece nos jogos; há um investimento psíquico e de ordem biológica relacionado a este esporte, que, por mais que exija fisicamente, nos traz uma sensação de prazer”.

Esse grupo de mulheres também participa de campeonatos externos entre os assentamentos, o que lhes possibilita sair para lugares diferentes e criar novos vínculos sociais, as relações de amizade. Os encontros, neste grupo, apresentam características muitas vezes vistas como opostas, mas que nele se tornaram complementares: brincadeira e seriedade; lazer e abertura para novas práticas e aprendizagens sociais, conhecimento e ludicidade.

As mulheres rurais não abrem mão de suas práticas esportivas. Elas saem de casa, na maioria das vezes, com filhos e cônjuges; são mães, mas não deixam de viver seu momento. O que observamos nesse grupo de mulheres é que a maioria delas – que é casada e/ou comprometida – tem o apoio da família/marido para usufruir de tal prática. O fato é que elas construíram essa posição de partilha de dividir as tarefas, tanto no trabalho, quanto no lazer.

Essas mulheres ainda relatam dois movimentos diferentes: primeiro, o apoio familiar; segundo, “vamos para a quadra e jogamos, eles querendo ou não”. No primeiro movimento, temos o relato de Mari (31 anos), que destaca “Geralmente meu companheiro não acompanha as atividades esportivas, ele geralmente apoia e cuida da nossa filha para praticar o futebol[...]”, a entrevistada ainda salienta que os cuidados da casa e da filha ficam aos encargos do marido, “[...] até mesmo em competições estaduais, ele cuidou de nossa pequena”. Conforme a fala de Mari, podemos afirmar que a família oferece apoio e acompanha.

O outro movimento que podemos observar nos enunciados desse grupo é “vamos para a quadra e jogamos, eles querendo ou não”. Esse movimento refere-se ao fato de que as mulheres se impõem e dão lugar à prática do lazer esportivo. A discriminação e o preconceito não são concebidos por essas mulheres como impasse para não jogar, como vemos no discurso de Adrieli (16 anos) “[...] não mudo de posição, pois nem sempre estamos de acordo em todos os assuntos; ideias diferentes existem, continuo jogando futebol, vou para a quadra e jogo, sim, ele querendo ou não”.

Notamos que muito se tem conquistado no âmbito do esporte feminino, pois “[...] as mulheres abrem mão da chamada passividade, ternura e obediência em troca de assertividade, agressividade e ambição, ou seja: de assumir um comportamento mais singular que incorpora quaisquer tipos de estereótipos sexuais” (SIMÕES, 2004, p. 28). As práticas de lazer de caráter esportivo são associadas a outras, como atividades da escola e da igreja, bem como jantares e outros encontros festivos enquanto grupo.

Nosso investimento analítico aqui não se propõe como conclusivo; longe disso, apresenta alguns elementos para pensar. Ele busca, sim, manter aberto o diálogo sobre essa problemática, com uma abertura para o desafio de pensar as mulheres rurais e o lazer esportivo, fizemos a pergunta: o que podem as mulheres? Podem muito ampliar as possibilidades de vivências de lazer além das atividades passivas e rotineiras (AVITAL, 2017).



O grupo de mulheres rurais assume como lazer principal as práticas esportivas, uma vez que encontram motivação e abrem as condições necessárias. Sabemos que as aprendizagens facultadas às mulheres dependem da possibilidade de determinadas condições, no caso, de meios para alcançar determinados fins. A maior parte de nossas ações, escolhas e comportamentos é produzida pelas condições em que vivemos – condições para que as práticas e as aprendizagens aconteçam.

O Brasil pouco tem avançado no sentido de incentivar a implementação de políticas públicas de esporte e lazer para o meio rural. É necessário compreendermos que é um conjunto de fatores que produz pequenas mudanças. Vimos alguns pontos de apoio que constituíram e mantiveram as entrevistadas na posição de mulheres que usufruem de um lazer esportivo.

“IF IT PLAYS, I ALSO PLAY”: RURAL WOMEN AND THE CONDITIONS OF LEISURE

ABSTRACT

This article deals with the sports leisure experience of 19 settled rural women. We seek to understand the conditions that enable rural women to experience sports leisure. From interviews we analyzed via discourse analysis that women have a basic soccer / futsal sports practice; the infrastructure of the sports center is fundamental for the creation of the leisure space; they conceive of leisure as a place of parity for gender conditions

KEYWORDS: *rural women; sports; leisure.*

“SI ÉL JUEGA, YO TAMBIÉN JUEGO”: LAS MUJERES RURALES Y LAS CONDICIONES DE LAZER

RESUMEN

Este artículo trata la experiencia de lazer deportivo de 19 mujeres rurales asentadas. Buscamos comprender cuáles son las condiciones que permiten que las mujeres rurales vivan el ocio deportivo. A partir de entrevistas analizamos vía análisis de discurso que mujeres tienen práctica deportiva de dominio básico del fútbol/futsal; infraestructura del gimnasio deportivo es fundamental para creación del espacio de lazer; que conciben lazer como un lugar de paridad de las condiciones de género.

PALABRAS CLAVES: *mulheres rurais; práticas esportivas; lazer.*



REFERÊNCIAS

- AVITAL, D. Gender differences in leisure patterns at age 50 and above: micro and macro aspects. *Ageing and Society*, Cambridge, v. 37, n. 1, p. 139-166, 2017. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/journals/ageing-and-society/article/gender-differences-in-leisure-patterns-at-age-50-and-above-micro-and-macro-aspects>>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- DUMAZEDIER, J. *Lazer e Cultura Popular*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Ed. Loyola, 2010.
- GOMES, C. L.; ISAYAMA, H. F. (Orgs.). *Direito social ao lazer no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2015.
- IBGE- *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Portal Cidades*. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>>. Acesso em: 14 mar. 2018.
- MARCELLINO, N. C. *Lazer e educação*. Campinas: Papyrus, 1990.
- MEYER, D. A politização contemporânea da maternidade: construindo um argumento. *Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG*, v. 6, n. 1, p. 81-104, 2006. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/198>>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- SIMÕES, A. C. *O universo das mulheres nas práticas sociais e esportivas*. In: SIMÕES, A. C.; KNIJNIK, J.D. (Orgs.). *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero e desempenho*. São Paulo: Aleph, 2004.
- SCHWENGBER, M. S. V. PINHEIRO, N. L.G. M. GONZÁLEZ, F. J. Mulheres rurais: o deslocamento da atenção de ocupar-se de si no tempo de lazer para cuidar do outro. *Motrivivência*, Florianópolis/SC, v. 30, n. 55, p. 58-74, julho/2018. Disponível em:< <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2018v30n55p58>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

